

LAMENTOS QUE ENCANTAM: as incelências e a religiosidade piauiense

MARLUCE LIMA DE MORAIS*

No sertão nordestino, há a presença marcante de uma religiosidade popular, expressa em rezas, benditos e incelências. Canções e orações que fazem parte do cotidiano de comunidades tradicionais, que significam, atribuem sentidos a terços, novenas e ritos domésticos, que assumem funções diversas em comunidades afetivas; funções materializadas em rezas para afastar os males do tempo e do corpo, rezas para a passagem de indivíduos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos.

Buscamos na religiosidade, histórias de fé e devoção de pessoas comuns, que participam de rituais e os significam em suas vivências religiosas.

Ao investigarmos rezas e lamentos presentes no Piauí, priorizamos as emoções e os sentimentos que emanam das Incelências, orações cantadas em forma de lamentos em uma melodia unívoca e repetidamente em número de nove a doze. Lamentos que marcam o momento da morte e têm a função de celebrar, encomendar a alma e velar o morto. Juntam-se às Incelências, os benditos e os ofícios, escolhas que vão depender do devoto-defunto ou das pessoas que são encarregadas de “puxar a reza”. Geralmente, esses cantos são entoados por mulheres conhecidas por carpideiras ou cantadeiras de excelências.

Procuramos compreender o sentimento religioso do piauiense, suas particularidades. Assim, o foco da pesquisa está na análise do ritual fúnebre das Incelências presentes no Piauí, que representam as atitudes diante de vivos e mortos, nos símbolos, nos sentidos e nos significados de uma prática particularmente evidenciada no ritual das carpideiras, mulheres que na função de *carpir*.¹, demonstram uma devoção marcada pela emoção na particularidade de cada lamento, de cada canção.

Nos indagamos: como captar, perceber o singular e a emoção nesse ritual? Buscamos categorias de análise que nos auxiliem a compreender a espiritualidade;

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí e Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural”. Este artigo contém parte das discussões do Projeto de Mestrado “As Incelências e os rituais de morte no Piauí”, orientado pela Prof^a Dr^a Áurea da Paz Pinheiro, líder do referido Grupo de Pesquisa.

¹ verbo *carpir* do latim *carpere* que significa lamentar, extravasar a dor arrancando os cabelos

categorias que emergem como uma chave para a leitura do ritual. Mas, afinal o que entendemos por devoção?

Percebemos o sentimento religioso repleto de práticas que não anulam ou se limitam a uma determinada doutrina ou prática religiosa, mas compõem um conjunto de signos e significados expressos nas práticas religiosas diárias, como os terços, as novenas, as procissões, as missas, os Bend

itos e as incelências. Para entender a devoção buscamos o comum, a cultura popular na sua espiritualidade e singularidade de humildes que informam a religiosidade popular.

Não buscamos compreendê-la por seu contraste ou a tomamos como referência a cultura erudita, letrada ou dominante, de onde poderia ser possível caracterizar o 'popular' ou buscar para essa compreensão o público de certas produções e expressões culturais, ou poderíamos até entender o popular como forma cultural pura, social e historicamente tida como pura, singular, fruto de populações rurais, com pouco ou nenhum contato com o urbano, com a modernização ou com a modernidade, preferimos entender a cultura popular a partir de sua historicidade, singularidade. (PINHEIRO, A., MOURA, C., PEREIRA, D, 2010:2)

Esse sentimento de fé se expressa, particularmente, através da devoção individual e do conjunto devocional da comunidade. Segundo Anderson José Machado de Oliveira, a devoção pode ser entendida em um sentido amplo, como sendo uma materialização do culto aos santos e como um elemento passível de construção e identificação de representações ou de grupos sociais, “[...] já que cada grupo, ao se estruturar para o culto, nele imprime a sua marca e o faz veículo de suas questões particulares” (2008:252).

Embora a perspectiva de Oliveira seja para agremiações, instituições devocionais, sua análise da categoria *devoção* nos ajuda a largar a percepção e compreensão do trabalho que realizamos. Percebemos que a devoção individual não se fixa em um único santo. Os altares domésticos encontrados na maioria das casas do interior do Piauí, a presença de santos de devoção, que dependem de uma rede de escolhas, seja pela a hagiografia do santo, pelos milagres por ele realizados devido a promessas e graças alcançadas por sua interseção ou ainda pela identificação de sua comunidade afetiva.

Vale destacar que a devoção possui um caráter leigo para a maioria das pessoas comuns que vivenciam a religiosidade, a presença divina pode ser percebida através das dimensões ou dos eventos da vida como o nascimento, o batismo, as doenças, a morte, e são conduzidas pelas relações “pessoais” com Deus através do “apego” ou do “valer-se”². O sentimento devocional expresso nas rezas e benzeduras aproxima as pessoas humildes às potências divinas.

“Deve-se concluir, por isso, que a religião popular é apenas um conjunto incoerente de praticas e devoções?” (VAUCHEZ, 1995:9) Este questionamento de André Vauchez nos ajuda a pensar o que particulariza o popular. Será que suas práticas religiosas são menores e híbridas? O que seria incoerente?

Vauchez parte desse questionamento para refletir que a espiritualidade é uma unidade dinâmica e particular nas vivências religiosas dos que ele denomina de *humildes*:

Os humildes integram em sua experiência religiosa, tanto pessoal quanto coletiva, elementos provenientes da religião que lhes fora ensinada e outros fornecidos pela mentalidade comum do seu ambiente e do seu tempo, marcada por representações e crenças estranhas ao cristianismo (VAUCHEZ, 1995:9)

As pessoas comuns constroem sua espiritualidade e devoção em constante diálogo com a liturgia cristã, a presença nas missas dialogam com suas práticas de benzeduras e rezas, os ritos eclesiais funcionam e dialogam com a tradição religiosa popular. Seus elementos informam as relações ou diálogos com Deus, assim frente às suas necessidades espirituais e diárias os humildes significaram os rituais tradicionais católicos a seu modo.

Em um ambiente repleto de “superstições”, crenças e práticas populares, se forjou o sentimento religioso piauiense, marcado por um hibridismo de crenças e práticas que se aliam às missas e aos alecrins das benzeduras.

² Apego e valer-se são expressões comumente usadas no Piauí para designar um pedido de ajuda a algum santo, geralmente se apega ao santo para conseguir uma graça.

No sertão nordestino, percebemos que há permanências de rezas, benditos e incelências para celebrar e acompanhar a passagem dos vivos para o mundo dos mortos. O espaço escolhido para a análise é o sertão do Piauí³, pátrios sertões em que, como evidencia Antonio Fonseca dos Santos Neto, percebemos a existência de manifestações culturais materializadas em rituais como as “[...] peregrinações, estandartes nos terreiros de tambor, cantorias e lamentações feitas por devotos que entoam as incelências a partir de um latim matuto que cultiva a lágrima e irriga a dor”(SANTOS, 2009:11).

O Piauí tem sua formação no início do século XVII com o adentramento nos sertões, movimentos que constituíram e expandiram as fazendas de gado e o domínio colonial Português. Segundo Pinheiro e Moura:

Atraídos pela largueza das terras, pela abundância dos rios – condição propícia para a criação do gado – contingentes de desbravadores se espalharam pela área intermediária entre a bacia do rio São Francisco e a região do Maranhão. Tornaram-se donos de currais, expulsaram e dizimaram as populações indígenas, conquistaram as terras e constituíram as elites locais que se mantiveram secularmente a frente da organização política e social aristocrática e interiorana que marcou a história deste espaço (PINHEIRO e MOURA, 2009:16)

Naquela jornada, a fé também esteve presente com grupos de missionários franciscanos e jesuítas, que marcaram seus passos de fé antes mesmo da criação da Capitania de São José do Piauí, os missionários já pregavam percorrendo as terras distribuindo os sacramentos, evangelizando e expandindo a fé.

Dentro das expressões constituintes da identidade cultural piauiense estão às devoções a santos e santas. Devoções presentes e marcadas por práticas católicas, inseridas dentro da liturgia cristã ou resignificadas pelos usos populares.

A devoção trazida pelos portugueses estava marcada no cotidiano, pela vivência diária em missas, procissões e orações. Tal relação com a fé foi “instituída” na colônia, não como uma imposição, já que essas práticas católicas se firmaram na colônia por encontrarem um ambiente favorável a sua consolidação e assim se fizeram parte

³ O Piauí está localizado a noroeste da região Nordeste, na sub-região chamada Meio-norte do Brasil e sua capital é Teresina.

integrante das crenças, principalmente, populares que por muito tempo ficaram longe da organização litúrgica da Igreja Católica, que tolerava a concomitância de vários costumes.

Dentro desse espaço de “tolerância” se formam as significações populares aos cultos tradicionais, aparecendo assim formas de devoção que se adequassem às vivências sociais, surgindo um quadro de tolerância entre a liturgia da Igreja Católica os usos populares. Como avalia Pinheiro e Moura:

Essa marca da presença católica é responsável pelo substrato cultural profundamente religioso que permanecerá, com modificações e interferências, na formação cultural do Piauí nas formas de religiosidade popular, nas práticas como na reza do terço, nas novenas, nas procissões, nos festejos e nas celebrações aos padroeiros de cidades do interior. (PINHEIRO e MOURA, 2009:18)

Os ritos cristãos ensinados pelos jesuítas logo encontraram as práticas populares. Os rituais católicos dialogaram com a devoção popular do culto as imagens, segundo Gilberto Freire a tendência à coexistência de diversas expressões religiosas na colônia deve-se a “plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu” (FREIRE,2006:265).

Assim, os cultos cristãos se mesclaram aos costumes populares, às imagens dos santos, às novenas, “as procissões e pagamentos de promessas com a produção de ex-votos, capelas e altares domésticos” (PINHEIRO e MOURA, 2009:25).

Com a mescla cultural religiosa um dos aspectos que se difundiu na colônia foi à presença marcante de altares domésticos, nas casas. Como ainda pode ser visto atualmente, há a presença do sagrado através das imagens de santos e dos terços. Segundo Luiz Mott:

No Brasil colonial, seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do reino dos céus. Na parede contigua a cama via sempre um símbolo visível da fé cristã: um quadrinho ou caixilho com gravura do santo anjo da guarda ou santo onomástico; uma pequena concha com água benta; o rosário dependurado na própria cabeceira da cama. (MOTT, 1997:54)

Mott avalia que a presença constante da fé informa a importância da oração para os ibéricos. A oração é considerada a base da espiritualidade da fé cristã e se tornou

presente na devoção popular seja em forma de organizações de fé como as Irmandades no século XIX⁴ ou como prática particular de uma comunidade, sejam elas novenas ou reza dos terços.

O Piauí historicamente foi constituído como um espaço de devoção. Encontramos diversas manifestações culturais significadas nos usos populares, um desses espaços está forjado na Igreja de Nossa da Vitória, na cidade de Oeiras⁵. A cidade que foi a primeira capital da Província e que se construiu como a capital da fé, título reconhecido e propagado pela população tanto de Oeiras com do restante do Estado.

As incelências se encontram nesse leque devocional presente no Piauí, no entanto poucas pessoas conhecem os modos de fazer dessa celebração, segundo Naldinho, um rezador da comunidade de Custaneira, a continuidade dessa tradição está ameaçada, O esforço em manter esta tradição evidencia a sua importância dentro das vivências religiosas de comunidades tradicionais piauienses.

*Tem, lá ainda tem, próximo da gente, nas mais distantes se perdeu, até porque não tem quem mais reza, por conta dessas coisas que nosso povo fazia, que nós continuamos fazendo, tem muita gente que morre, os mais velhos, e os novos não querem mais saber, esse povo vai estudar na cidade, aprende uma cultura diferente, ai chega energia tem uma cultura diferente ai vai se perdendo.*⁶

Falar sobre rituais de morte não sugere um retomar de uma tradição ou um relatório de como se enterravam os mortos no passado, mas falar sobre manifestações religiosas que estão desaparecendo é permitir conhecer e que outras pessoas conheçam suas tradições e costumes, dessa forma como se caracteriza então essas canções.

⁴ Produção relevante no âmbito dos trabalhos sobre religiosidade piauiense. Ver: LIMA, Ariane dos Santos. Por entre reza, procissões e enterros: o universo sócio-cultural das Irmandades Católicas no Piauí [1835-1875]. Monografia apresentada ao curso de História. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010.

⁵ Localizada no vale do rio Canindé, tem altitudes máximas de 300 metros, com vários morros dentro e ao redor da cidade. Conhecida como a capital da fé foi capital do Piauí até 1851

⁶ Depoimento de Naldinho, na comunidade de Custaneira-PI, concedido a Maria Sueli, em dezembro de 2008

As Incelências

A espiritualidade das incelências esta demonstrada nas devoções individuais e crenças coletivas, Segundo Câmara Cascudo, essas canções são realizadas em doze versos ritualmente cantados ao pé ou a cabeça do morto ao iniciadas devem ser terminadas, ações que possuem sentidos e implicações nas práticas populares. Acredita-se que ao cantar os lamentos eles devem ser terminados caso contrário a alma não terá salvação.

Para Câmara Cascudo, a morte no saber popular tem várias denominações. “ter morte bonita’, isto é, precedida de agonia calma, muitas vezes demorada, sem padecer, com estoicismo, despedindo-se dando ordens, conselhos. O contrario é ‘ter morte feia’ isto é trágica, a pontear temores”. (CASCUDO, 2001:397).

A morte bonita sugere o acompanhamento e principalmente o cumprimento dos desejos do devoto-defunto, assim as incelências fazem parte das formas de “bem morrer” presentes no velório do interior. As rezas de defunto são compostas pelas orações tradicionais e as rezas de devoção o dono da morte, bem como as vontades ou seus desejos de como se deve proceder o velório.

Essas práticas religiosas populares remontam às tradições de um ocidente medieval, como evidencia Michel Lauwers (2002) este ocidente costumava evocar e comemorar os defuntos, essa prática constituía uma forma de reprodução social, o morto e a morte propunham dimensões sociais que ligavam a determinados grupos sociais.

As Incelências marcam o momento da morte e possuem a função de celebrar, encomendar a alma e velar o morto. Segundo Câmara Cascudo, essas canções eram cantadas sem acompanhamento instrumental “em uníssono em série de doze versos ritualmente” (CASCUDO, 2001:218). Também chamadas de reza de defunto, juntam-se às Incelências, os benditos, os ofícios, as salve-rainha assim como as rezas tradicionais as Ave-marias e Pai Nossos, escolhas que dependem do devoto-defunto ou das pessoas que são responsáveis por puxar a reza.

Geralmente esses lamentos são entoados por mulheres conhecidas por carpideiras ou cantadeiras de excelências. Com avalia Gilberto Freire(2009) o morto ainda é, de certo modo, homem social, assim o morto e a morte possuem um papel cabendo aos

vivos a função de cuidar dos seus mortos, são dadas então, as mulheres, o papel do *carpir*, o papel de preparar, lavar, velar e louvar os defuntos.

Mulheres que segundo Fonseca Neto(2009) entoam cantorias e lamentações feitas por devoção em um “[...] latim matuto que cultiva a lágrima e irriga a dor”. Mulheres que no *carpir* demonstram uma devoção popular marcada pela emoção. Os cantos entoados vão tomando seqüência no passar das horas do velório e são adaptadas a chegada e a saída do morto.

Essas canções evidenciam que a alma se vai, mas o corpo fica. Segundo George Duby, o corpo continua representando seu papel, sua presença, embora muda continua a falar a seus olhos o corpo oferece a “[...] imagem do que ele mesmo um dia seria inexoravelmente, um espelho”(DUBY,1987:33). Toda a preocupação em cuidar do morto, informa uma reafirmação da fé das carpideiras e dos indivíduos no pós-morte, assegurado pelas canções e principalmente pela teia de solidariedade e de amizade que envolve o corpo.

*Oh Miguel escuta a voz de quem te chama
Vai buscar aquela alma
Há três dias que ela clama
Oh de casa oh de fora
O inferno estremeceu
Eu vim buscar esta alma
Quem mandou foi o meu Deus
Oh Miguel não seja tolo que esta alma eu não te dou
Que hoje faz três dias que essa alma aqui chegou
Nem que faça quinze anos
Leva três anjos contigo
Vai buscar aquela alma
E traga em sua companhia
Vai ter embora alma Bernar
Vai feto brasa livre
Vai dizer ao pai eterno que de pena tu esta livre
Minha gente venha ver
Que com o poder de Maria
Ontem eu estava no inferno
Hoje no céu de alegria
Em intenção de São Miguel e Coração de Maria.⁷*

O lamento acima foi cantado por “Naldinho”⁸, um quilombola da comunidade de Custaneira⁹, chamado de Bendito das Almas é cantado todas as noites em sua

⁷ Entrevista com “Naldinho” comunidade quilombola Custaneira e Canabrava/Paquetá/PI, feita por Maria Sueli em 10/12/2008

comunidade. O conhecimento dessas canções é transmitido oralmente, mas como diz Naldinho, “Todo mundo, nem todos mais quando um puxa, todos levam, toda vida”. A prática de cantar todas as noites informa uma convivência e transmissão da prática, mas ressalta que puxa a reza e os outros acompanham.

No momento da morte as rezas se fazem necessárias para a construção do rito fúnebres, as rezas segundo Câmara Cascudo são “orações dirigidas aos espíritos superiores para obter proteção e auxílio na cura dos mais variados males[...] há reza para tudo, envolvendo Deus, homem, plantas, animais, simpatias”(CASCUDO,2001:587). As rezas variam de acordo com suas funções, reza para cura de doença exigem orações particulares e elementos simbólicos próprios.

As rezas variam de acordo com o mal – a doença – e de sua função, há rezas de devoção particular, orações a santos, em forma de terços, novenas, ofícios e no caso de morte, especifica-se a reza das almas ou rezas de defunto.

As rezas de defunto, principalmente no nordeste, são as rezas cantadas diante do morto. Além das diferenciações das rezas as Incelências também possuem diferenciações:

Excelência para ajudar o moribundo a morrer. excelência da hora, cintando-se a hora da morte. O 'sol incrisou' (eclipsou-se), excelência cantada se a morte se verificar durante a tarde, e entoada quando do crepúsculo. Excelência para ele ou dele, oferecida ao defunto. Terço rezado pelos assistentes e 'tirado' em voz alta. Ofício de Nossa Senhora ou dos Defuntos ou ainda fieis defuntos. Excelência da hora, quando o galo canta pela primeira vez. Excelência da barra do dia, quando o dia vem clareando. Excelência Mariá, em que se canta as partes do corpo do morto e as partes de sua roupa (informações do Maestro Guerra-Peixe) (excelência da roupa ou da mortalha, quando vestem o defunto. Excelência do cordão (da mortalha). Excelência da despedida. Reza da saída (do caixão). Canta-se reza até desaparecer o cortejo fúnebre. Ladainha de Todos os Santos (CASCUDO,2001:218-219)

As Incelências não são canções e orações fixas, sua multiplicidade é informada pela necessidade do lamento para que se alie a morte, ou seja, suas diferenciações são cantadas dependendo da devoção do defunto e de sua morte. As crenças variam de canção para canção e de comunidade para comunidade, no entanto percebemos um fio

⁹ Paquetá é um município brasileiro do estado do Piauí. Sua população estimada em 2004 era de 4 417 habitantes. Possui uma área de 492,45 km².

por estas práticas ritualísticas. Há canções que além de servir as almas servem para afastar os males e as intempéries do tempo, outras como a *Maria valei-me* é cantada com um certo receio de que pare de chover por ser uma reza muito forte¹⁰.

A espiritualidade dessas práticas está repleta de devoções individuais e crenças coletivas, do mesmo modo que encontramos orações tradicionais como a Ave Maria e o Pai Nosso, percebemos superstições entorno das rezas cantadas - das incelências. Segundo Câmara Cascudo (2001) acredita-se que ao cantar os lamentos eles devem ser terminados caso contrário a alma não terá salvação, acredita-se ainda que essas canções tenham a função de livrar o morto do pecado e estimular o arrependimento.

Rezas, comidas, cachaça, terço, velas, choros, lamentos, flores... poderíamos elencar e descrever diversas funções dos objetos e símbolos permeados dentro de uma assistência, mas acreditamos ser primordial o fio que informa a prática, que move os praticantes e reafirmam a fé nas canções e nos rituais populares: a Devoção.

Considerações Finais

As incelências informam a preocupação com a morte e principalmente com o medo de ser esquecido, de não ter assistência, morrer sem esses ritos significava estar só e abandonado. As rezas possuem a função de ligar e por sua vez reafirma a teia de solidariedade que informam a prática de piedade cristã entre a comunidade afetiva.

A busca por tradições e significações da vida religiosa, se explica como uma forma de ler e se relacionar com o tempo, tempo que passa diferente para as pessoas, para os lugares e para as tradições. A proposta não está só em conhecer, analisar, descrever as manifestações religiosas, mas permitir que outras pessoas conheçam expressões culturais que encantam comunidades inteiras e que experimentam formas de religiosidade e espiritualidade diversas. É preciso que reconheçamos essas expressões culturais não como elementos rústicos ou exóticos, mas como manifestações que são constituintes de uma tradição religiosa e formadoras de identidades e dos sentimentos humanos.

¹⁰ Depoimento de dona Maria dos Anjos Meneses Dourado e Dona Socorro Dourado de Araujo concedido a Marluce Lima de Moraes e Ariane dos Santos Lima, em novembro de 2009.

Referências e fontes

Referências

CASCUDO, Luis Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10 ed. São Paulo: Global, 2001

Freire, Gilberto apud Palhares-Burke. Maria Lucia. Burke, Peter. *Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freire*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GEORGES, Duby. *Guilherme o marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

LAUWERS, Michel. *Morte e mortos*. In: Schimitt, Jean-Claude; LE GOFF, Jacques. (orgs) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc. 2002.

LIMA, Ariane dos Santos. Por entre reza, procissões e enterros: o universo sócio-cultural das Irmandades Católicas no Piauí [1835-1875]. Monografia apresentada ao curso de História. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010.

MORAIS, Marluce Lima de. Emoção, Lamentos e fé: a religiosidade popular através das incêndias. Monografia apresentada ao curso de História. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: Sousa, Laura de Melo e. (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008

PINHEIRO, Áurea e MOURA. *Celebrações/Celebration*. Teresina: Educar: artes e ofícios, 2009.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia; PEREIRA, Decleoma Lobato. Santos e devotos na tradição brasileira [os escravos da mãe de deus]. In: Congresso Internacional de História. 2., 2010, Teresina. Anais. Teresina: UFPI, 2010

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SANTOS NETO, Antonio Fonseca dos. Apresentação. In: PINHEIRO, Áurea e MOURA. *Celebrações/Celebration*. Teresina: Educar: artes e ofícios, 2009.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média ocidental século VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p.9

Fontes

Depoimento de Naldinho, na comunidade de Custaneira-PI, concedido a Maria Sueli, em dezembro de 2008

Depoimento de Seu Antonio “Pequeno”, concedido a Marluce Lima de Moraes e Maria do Amparo Moura Alencar, em julho, 2010.

Depoimento de dona Maria dos Anjos Meneses Dourado e Dona Socorro Dourado de Araujo concedido a Marluce Lima de Moraes e Ariane dos Santos Lima, em novembro de 2009.